

ESCOLA E VIDA: TUDO VIDA!...

José Bravo Nico

Universidade de Évora

Introdução

Um dos desafios mais interessantes que se colocam, atualmente, na formação, inicial e contínua, de professores decorre da *necessidade de promover um, urgente e construtivo, diálogo entre as culturas escolares e não escolares que coexistem nos percursos de vida dos estudantes*.

A simultaneidade de experiências de vida concretizadas em contextos escolares e não escolares gera um universo, inorgânico e heterogéneo, de aprendizagens que pode e deve enriquecer os percursos de qualificação dos estudantes, contribuindo, dessa forma, para o diálogo entre os conhecimentos escolares e não escolares e para a cooperação entre culturas diferentes.

Neste contexto, a formação dos professores deverá contemplar esta dimensão dos percursos vitais e de qualificação de jovens e adultos, no sentido de promover o potencial educativo que resulta da convivência de diferentes culturas no contexto escolar.

A presente reflexão centrar-se-á no *necessário e profícuo diálogo que é necessário estabelecer, reforçar e valorizar entre os, diferentes mas concomitantes e complementares, universos existenciais e de aprendizagem que coexistem em cada pessoa*, particularmente nas que, em determinado momento das suas vidas, percorrem trajetórias formais de qualificação académica e/ou profissional, acompanhadas por docentes e/ou formadores.

Os universos das aprendizagens

A coordenada em que cada indivíduo se inscreve, no contexto de qualquer percurso formal de qualificação, é sempre precedida, acompanhada e sucedida por múltiplas coordenadas, nos diversos percursos, não formais e informais, de qualificação que aquele vai concretizando, nas distintas dimensões da sua vida pessoal, profissional, cívica e social.

A coexistência, cronológica e pessoal, de diferentes contextos de aprendizagem, na circunstância vital de cada indivíduo, determina uma determinada singularidade educacional pessoal que resulta do papel e efeitos de cada uma das aprendizagens e do resultado sistémico que umas induzem nas outras. O resultado final será, sempre, uma realidade complexa, única, dinâmica e rica. Uma realidade que, por analogia, se pode equivaler a uma verdadeira «equação educacional pessoal» que assume, em cada indivíduo, um conjunto específico de variáveis, um algoritmo único de resolução e uma dinâmica que resultará da própria existência que cada um protagoniza em cada dia.

Em cada contexto, territorial e social, está disponível um determinado universo de aprendizagens de diferentes naturezas e com origens também distintas. Este universo de aprendizagens interage, de forma singular, com cada indivíduo que, a partir da diversidade educacional que o contexto lhe oferece, constrói um portefólio de experiências de aprendizagem específico que determina o formato e a dinâmica da tal «*equação educacional pessoal*» a que já foi feita referência anteriormente.

No caso particular dos indivíduos que concretizam percursos formais de aprendizagem, a respetiva «*equação educacional pessoal*» (v. Figura 1) comportará, sempre e de forma incontornável, outras variáveis que interagem com a variável formal, frequentemente escolar, resultando, desse «*diálogo*», uma coordenada pessoal e única que deve ser considerada nos próprios percursos formais de aprendizagem.

	(...)	(...)	
(...)	aprendizagens em contexto profissional	aprendizagens em contextos digitais	(...)
	aprendizagens em contexto familiar	aprendizagens em contexto escolar	(...)
(...)	aprendizagens em contextos culturais	aprendizagens em contexto cívico e institucional	
	(...)	(...)	

Figura 1. “Equação educacional pessoal”

Se a realidade educativa é caracterizada pela presença da diversidade atrás indicada, então parece ser adequado considerar e valorizar esse contributo, no âmbito dos processos de desenho e concretização curriculares. Na realidade, *conhecer, aproveitar, incluir e enriquecer as aprendizagens concretizadas no universo exterior aos contextos escolares, parece ser uma decisão correta no sentido de valorizar as próprias aprendizagens formais de natureza escolar*, uma vez que estas encontrarão uma coordenada mais coerente, no portefólio experiencial pessoal de cada indivíduo e, aí, estabelecerem relações mais fortes com outras aprendizagens de outras origens e formatos, gerando redes de qualificação que potenciam todas as experiências de cada indivíduo.

Neste contexto, ignorar este complexo, sistémico e personalizado universo de aprendizagens significará desvalorizar e perder os contributos proporcionados pelos diferentes percursos de aprendizagem que cada indivíduo concretizou, na sua história de vida, e que concretiza em cada circunstância existencial do seu presente. Ignorar esta diversidade educacional significa empobrecer a «*equação educacional pessoal*» a uma única variável (o contexto formal de qualificação), partindo do, errado e redutor, pressuposto de que apenas as aprendizagens geradas nas experiências académicas contribuem para a formação de cada um e que estas não são suscetíveis de serem enriquecidas e complementadas com as aprendizagens geradas nos restantes contextos da vida.

As escolas, os professores e o universo das aprendizagens

No contexto atrás descrito, parece ser claro que *a ação docente pode e deve considerar a evidência que cada indivíduo, em cada circunstância da sua vida e em cada contexto de qualificação que protagoniza, é portador de um portefólio de experiências de aprendizagem, complexo, sistémico e dinâmico*. Esta realidade determinará, naturalmente, que a planificação, construção e concretização de qualquer dispositivo didático deverá considerar aquela circunstância, pois ela é incontornável na forma como cada um interage com as aprendizagens escolares, como as poderá enriquecer e complementar e como lhes conferirá, tantas vezes, uma dimensão mais real e prática.

Neste sentido, o pensamento e ação curriculares, nos contextos formais escolares, deverão assumir uma postura mais inclusiva, relativamente aos conhecimentos e a processos de aprendizagem oriundos dos contextos

não formais e informais, pelos quais os indivíduos vão concretizando parte significativa da sua formação, nas mais diversas áreas vitais.

Naturalmente, uma postura mais inclusiva e integradora, por parte das escolas e dos professores, remete para uma «*equação educacional escolar*» mais exigente, uma vez que se convocam variáveis novas e menos conhecidas que, aparentemente, poderão perturbar o contexto de aprendizagem escolar. No entanto, esta convocatória nada mais é do que uma, necessária e urgente, abertura da escola à vida do quotidiano e à realidade que a circunda, e de que a mesma faz parte integrante. Uma abertura que valoriza todas as partes que se podem encontrar e dialogar, nas aprendizagens escolares.

As implicações curriculares desta postura mais inclusiva e amigável, que promove o diálogo entre os saberes escolares e não escolares são variadas, sendo que algumas das mais evidentes e importantes se descrevem em seguida:

- i) A necessidade de incluir, nos procedimentos de avaliação (nomeadamente de âmbito diagnóstico), a *preocupação, ativa, deliberada e sistemática, em recolher, considerar e utilizar informação relativa às aprendizagens anteriormente realizadas nos contextos não escolares* e consideradas significativas para a circunstância escolar em relevo;
- ii) A capacidade de incluir, *nos processos de desenho, construção, concretização e avaliação curriculares, contributos das aprendizagens não escolares*;
- iii) A possibilidade de realizar, em tempo útil, a *mobilização de conhecimentos e competências edificados em contextos não escolares para os contextos escolares e vice-versa*;
- iv) A possibilidade de *considerar os contextos de vida dos indivíduos como recursos curriculares*, articulando-os com os dispositivos didáticos escolares, possibilitando uma efetiva «*infusão*» às aprendizagens escolares na vida real das pessoas e das comunidades.

Nesta renovada e mais exigente «*geometria didática*», a *formação dos docentes deverá considerar a capacidade destes conhecerem, valorizarem e integrarem, na sua ação pedagógica, estas coordenadas pedagógicas não formais e informais*, mais próprias dos contextos de aprendizagem não escolares.

Esta dimensão da formação docente é, hoje, uma realidade incontornável, na qualificação dos formadores de adultos, uma vez que, nesta área específica, há muito se reconheceu a extraordinária importância dos saberes e competências experienciais e do respetivo processo de reconhecimento, validação e, em muitos casos, certificação. Estes processos determinaram,

em muitos dispositivos didáticos específicos desta área, a realização de balanços de competências (um exercício particular de avaliação nos momentos mais iniciais dos percursos de qualificação dos adultos). Com este procedimento, *não só se conhecem, valorizam e incluem as aprendizagens não escolares no novo percurso formal de aprendizagem, como este se inicia sempre numa coordenada específica* que resulta do processo anteriormente indicado.

Se o princípio funciona no âmbito da educação e formação dos adultos, poderá funcionar no contexto da formação dos jovens, uma vez que, apesar de protagonistas de percursos de vida mais breves, não deixam de os ter e de os viver de forma intensa, num plano de simultaneidade com as aprendizagens escolares. No entanto, enquanto no caso da educação e formação dos adultos a relevância e instrumentalidade das aprendizagens não escolares acontecem em momento posterior à sua ocorrência, no caso dos jovens tudo isso acontece em simultâneo. Esta evidência remete-nos para a necessidade de considerarmos estas especificidades no âmbito da formação dos professores e no contexto de cada área de conhecimento concreto.

Assim sendo, as formações inicial e contínua dos professores deverão incluir esta competência de convocar a vida (nas suas diferentes dimensões e com as respetivas aprendizagens) para a escola, enriquecendo, aqui, as aprendizagens escolares e relacionando-as com as circunstâncias vitais de cada indivíduo.

Concluindo

Os corredores formais de qualificação sempre foram pouco «iluminados» pelos contextos vitais daqueles que os percorrem. O diálogo entre as aprendizagens escolares (de natureza mais formal) e as não escolares (mais de âmbito não formal e informal) foi sempre um diálogo pouco inclusivo e, muitas vezes concretizado de forma forçada e artificial.

Apesar dessa reduzida interação, a escola faz parte da vida daqueles que a frequentam (cada vez mais num período mais extenso) e é incontornável que existe reciprocidade de consequências, no que respeita às aprendizagens que acontecem dentro e fora dos contextos escolares.

A «equação educacional escolar», em cada território e em cada momento, comporta a existência de tantas «equações educacionais pessoais», quantos os indivíduos que, aí, concretizam os seus percursos de qualificação. Da quantidade e qualidade do diálogo intencional, regular e cooperativo,

entre estas duas «*equações*» resultará, em grande medida, a instrumentalidade e relevância da educação escolar e o respeito e consideração que nos deve merecer a educação que se concretiza na, grande e maravilhosa, *Escola da Vida*.